



**A LITERATURA COMO UM AGENTE TRANSFORMADOR DO  
TEMPO PRESENTE: UMA LEITURA DE *ORGIA DOS LOUCOS*, DE  
UNGULANI BA KA KHOSA**

*LITERATURE AS A TRANSFORMATIVE AGENT OF THE PRESENT TIME:  
A READING OF ORGIA DOS LOUCOS (1990),  
BY UNGULANI BA KA KHOSA*

*LA LITERATURA COMO AGENTE TRANSFORMADOR DE LA  
ACTUALIDAD: UNA LECTURA DE ORGIA DOS LOUCOS (1990), DE  
UNGULANI BA KA KHOSA*

Camila Knebel Fenner<sup>1</sup>

Demétrio Alves Paz<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo tratar da relação entre o texto literário e a representação da realidade (mimesis) ao evidenciar memórias resgatadas pelo escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa na obra *Orgia dos Loucos* (2016 [1990]). O livro é composto por nove contos, nos quais podemos perceber referências ao período pós-independência de Moçambique. Ao trazer este período como pano de fundo de suas histórias, Khosa representa não só uma memória individual, visto que vivenciou esta época em seu país, mas também uma memória coletiva que, neste contexto, serviu como uma ferramenta para afirmação identitária em um movimento de resistência à imposição da cultura colonial. Sendo assim, analisa-se também o papel da memória na literatura e como, conseqüentemente, ela acaba sendo um agente transformador do tempo presente. Os estudos de Aimé Césaire, Ana Mafalda Leite, Edward Said e Homi Bhabha serviram de base para esta análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conto, Literatura moçambicana, Loucura, Memória.

## ABSTRACT

*This article aims to address the relationship between the literary text and the representation of reality (mimesis) by highlighting memories rescued by Mozambican writer Ungulani Ba Ka Khosa in the work *Orgia dos Loucos* (1990). The book is composed of nine short stories, in which we can perceive references to Mozambique's post-independence period. By bringing this period as a background for his stories, Ungulani represents not only an individual memory, since he lived through this period in his country, but also a collective memory that, in this context, served as a tool for identity affirmation in a movement of resistance to colonial cultural imposition. Thus, the role of memory in literature is also analyzed and how, consequently, it ends up being a transforming agent of the present time. The studies of Aimé Césaire, Ana Mafalda Leite, Edward Said, and Homi Bhabha served as a basis for this analysis.*

**KEYWORDS:** Short Story, Mozambican Literature, Madness, Memory.

1 Graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), 2019. Mestranda em Letras, Literatura, Cultura e Tradução, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

2 Professor Associado 2 de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Cerro Largo – RS.



**RESUMEN**

*Este artículo tiene como objetivo abordar la relación entre el texto literario y la representación de la realidad (mimesis) destacando los recuerdos rescatados por el escritor mozambiqueño Ungulani Ba Ka Khosa en la obra *Orgia dos Loucos* (1990). El libro contiene nueve relatos cortos, en los que se notan referencias al periodo posterior a la independencia de Mozambique. Al poner este periodo como pantalla de fondo de sus relatos, Ungulani representa no sólo una memoria individual, ya que vivió ese periodo en su país, sino también una memoria colectiva que, en ese contexto, sirvió como herramienta de afirmación identitaria en un movimiento de resistencia a la imposición cultural colonial. Así, también se analiza el papel de la memoria en la literatura y cómo, por consiguiente, dicha memoria resulta ser un agente transformador de la actualidad. Los estudios de Aimé Césaire, Ana Mafalda Leite, Edward Said y Homi Bhabha sirvieron de base para este análisis.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Cuento, literatura mozambiqueña, locura, memoria.*

**Introdução**

À medida que a sociedade vai se transformando, a literatura também passa por mudanças que acompanham as (r)evoluções dos seres humanos no curso da História. Por meio do texto literário, é possível reconhecermos aspectos de determinado período, vestígios de seu contexto de produção, ainda que, às vezes, o autor escreva sobre outras épocas. Essa relação entre o texto literário e a sua realidade será de nosso interesse no desenvolvimento desta análise, visto que, concordando com Antonio Candido (2006, p. 21), também consideramos a “dimensão social como fator de arte”, sem esquecer, no entanto, que “a *mimese* é sempre uma forma de *poiese*” [grifos do autor].

Nesse sentido, buscaremos evidenciar memórias resgatadas pelo escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, nome tradicional de Francisco Esaú Cossa<sup>3</sup>, ao retratar o período pós-independência de Moçambique na obra *Orgia dos Loucos* (2016 [1990]). O autor nasceu em 1 de agosto de 1957, em Inhaminga, província de Sofala, Moçambique. É formado em Direito e em Ensino de História e Geografia, foi cronista em jornais, cofundador da revista literária **Charrua** e diretor-adjunto do Instituto Nacional de Cinema e Audiovisual de Moçambique. Além disso, exerceu as funções de diretor do Instituto Nacional do Livro e do Disco (INALDI) e secretário-geral da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO). Khosa é um importante nome da cultura moçambicana e, em suas obras, volta-se diretamente para a história de seu país.

A sua primeira obra publicada, *Ualalapi* (1987), faz parte da lista dos cem melhores romances africanos do século XX. No ano de 1990 lançou *Orgia dos Loucos*, livro composto por nove contos nos quais percebemos os resultados de uma independência recente e o retrato de uma sociedade que ainda não se livrou dos traumas causados pela colonização. De acordo com Morais (2016), a independência moçambicana foi

3 Durante a colonização, nos países africanos de língua portuguesa as pessoas eram obrigadas a registrarem seus filhos com um nome católico. Por este motivo, é comum que os nascidos nesta época, nesses países, tenham nomes tradicionais diferentes dos nomes de batismo.

formalizada em 25 de junho de 1975, após o conflito iniciado em 1964 entre as forças da Frelimo, Frente de Libertação de Moçambique, e as Forças Armadas de Portugal. Com o Acordo de Lusaka de 7 de setembro de 1974, a paz foi negociada em território moçambicano e a soberania do país, transferida para a Frelimo. (MORAIS, 2016, p. 113)

A independência dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) foi uma grande conquista. Contudo, ao contrário do que se imaginava, estes países passaram por grandes dificuldades e conflitos internos após deixarem de ser colônias de Portugal. Em Moçambique, depois de conquistarem a liberdade, os cidadãos sofreram com uma guerra civil que durou cerca de 16 anos (1977 – 1992). Essa guerra se deu entre a Frelimo e a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), pois, mesmo com o objetivo de fortalecer a recém-nascida nação moçambicana, a Frelimo acabou impondo também um discurso único e causando o silenciamento dos povos originários, visto que “o partido-estado queria a criação de um ‘Homem Novo’, sem uma discussão mais ampla sobre a centralidade e importância que tradições locais e a ancestralidade tinham naquela cultura” (MORAIS, 2016, p. 112).

As práticas culturais e as formas de governar dos diversos povos originários, anteriores à colonização, foram deixadas de lado em nome de uma identidade nacional de orientação política socialista (MORAIS, 2016). Em entrevista, Paulina Chiziane fala sobre essa situação:

Em 1975, a Declaração de Independência foi feita numa linguagem colonial: “Abaixo o obscurantismo, abaixo o curandeiro, abaixo os ritos de iniciação! Viva o mundo novo, viva o socialismo científico!” Mas o que é que o socialismo científico está a fazer aqui numa terra cheia de uma cultura? A FRELIMO viu que isso não ia dar certo, porque aumentou outros conflitos. Agora estamos numa altura de tentar serenar de uma forma muito lenta, fazer de conta que se está a respeitar a tradição e a cultura, quando por vezes no fundo é só aparência. Porque o verdadeiro trabalho ainda está por ser feito, ainda não se fez. (CHIZIANE, 2014, n.p.)

É nesse contexto turbulento que Khosa, na condição de sujeito moçambicano, passa a (re) contar a realidade histórica de seu país, combatendo o discurso hegemônico de uma história única as a, tida como oficial. Segundo palavras do próprio autor, em entrevista à Voz da América, “isso tudo afetou o tecido cultural moçambicano, arrasou com a sociedade moçambicana [...] e este livro reflete um pouco isso, esse tecido dilacerado pela guerra, os conflitos que foram existindo” (KHOSA, 2016 B). Desse modo, buscaremos compreender o papel da memória na literatura e a contribuição do texto literário neste processo de reformulação identitária do país.

## Alguma crítica

Ungulani Ba Ka Khosa é autor de: *Ualalapi* (1987), *Orgia dos Loucos* (1990), *Histórias de amor e espanto* (1993), *No reino dos abutres* (2002), *Os sobreviventes da noite* (2005), *Choriro* (2009), *Rei mocho* (2012) e *Entre as memórias silenciadas* (2013). É Vencedor de diversos prêmios, sendo um dos autores mais prestigiados da literatura moçambicana. Sua primeira obra é apontada como aquela que “moderniza a ficção moçambicana ao introduzir um gênero que se enraíza no romance histórico” (LEITE, 2012, p. 77).

O autor fez parte da revista **Charrua**, que ainda teve nomes como Pedro Chissano, Hélder Muteia, Juvenal Bucuane, Marcelo Panguana, Nelson Saúte, entre outros. Apesar de uma vida breve, pois durou apenas dois anos (1984-1986) e uma periodicidade não muito regular, a revista **Charrua** ajudou, do mesmo modo que a revista **Tempo**, a divulgar jovens escritores e a consolidar a literatura moçambicana no período pós-independência. (LARANJEIRA, 1995; MEDINA, 1987)

Robson Lacerda Dutra (2010) aponta uma diferença entre a produção de duas gerações de escritores no pós-independência. A primeira seria exaltadora dos heróis da pátria. Por outro lado,

A segunda, que se origina em meados dos anos de 1980, notadamente na “Geração da Charrua” (surgida em 1984), cujo objetivo seria resolver os terrenos da utopia interiorizada, se constrói, na maioria das vezes, por meio de posições antidoutrinária e de maior heterogeneidade, quer no aproveitamento dos temas antes tangenciados, quer no questionamento do verdadeiro estatuto dos heróis de outrora. (DUTRA, 2010, p. 370)

Na obra aqui analisada, a loucura aparece de diferentes formas e, tal como numa das epígrafes da obra, de Jorge Viegas, talvez seja a única forma real de liberdade do indivíduo. Vima Lia Martin percebe a violência como uma das principais marcas da obra. Para a pesquisadora, “as tramas descortinam tempos, espaços e histórias pessoais e coletivas que, desconfigurados por razões históricas e políticas, são reencenados como perda e aniquilação”. (MARTIN, 2012, p. 332). Desse modo, nas narrativas de *Orgia dos loucos*, observamos uma forma de violência que, em certos momentos, apresenta como única saída a loucura e/ou delírio. Isto não quer dizer que as personagens sejam loucas ou delirantes, mas que elas podem se tornar assim diante das situações em que vivem.

## **Discurso colonial**

Ao pensarmos na dominação portuguesa sob os PALOP, surgem alguns questionamentos em relação à forma como os portugueses mantiveram por tanto tempo essas colônias. Uma das ferramentas que contribuíram para a soberania de Portugal, como também de outras potências europeias, foi o discurso. A construção discursiva europeia era tida como universal e invalidava tudo que fosse alheio a ela. A divisão entre Ocidente e Oriente, tida como discursiva por Edward Said (1990), facilitou esta segregação. O estudioso denominou este movimento como Orientalismo, sendo “um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 1990, p. 15). Por meio dessa dominação, a Europa ganhou força e identidade comparando-se com superioridade ao Oriente, de modo que os resultados desta alienação foram catastróficos para as culturas orientais, já que este discurso servia para justificar a exploração realizada pelos colonizadores.

O discurso eurocêntrico dominou por muito tempo a crítica, assim como todas as áreas. Contudo, após as lutas por libertação e a virada epistemológica impulsionada pela obra de Said, desenvolveram-se os estudos pós-coloniais em função de uma “reinterpretação da discursividade colonial” (LEITE, 2012, p. 130). Desse modo, o pós-colonialismo não precisa ter necessariamente um sentido cronológico, segundo a teórica Ana Mafalda Leite (2012), ele pode ser entendido como

todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, obviamente, a época colonial; o termo é passível de englobar, além dos escritos provenientes das ex-colônias da Europa, o conjunto de práticas discursivas, em que predomina a resistência às ideologias colonialistas, implicando um alargamento do corpus, capaz de incluir outra textualidade que não apenas das literaturas emergentes, como o caso dos textos literários da ex-metrópole, reveladores de sentidos críticos sobre o colonialismo. (LEITE, 2012, p. 130)

Aqui se encaixam as obras do escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, no nosso caso mais especificamente a obra *Orgia dos Loucos*. Assim como outros escritores de seu país, Khosa participou da segunda fase da literatura nacional de Moçambique, em que, “longe de ser uma celebração da nação, [...] os romances da segunda fase – a fase pós-colonial – são romances de deslegitimação rejeitando o *imperium* ocidental, é verdade, mas também rejeitando o projeto nacionalista da burguesia nacional pós-colonial” (APPIAH, 2007, p. 213). Além disso, para Khosa (2015, p. 129), “com a independência esperava-se, enfim, que as várias identidades ganhassem cidadania e contribuíssem, na sua diversidade, para a construção do tecido identitário moçambicano. Mas tal não aconteceu”. As forças políticas que assumiram o poder após a independência defendiam em seus discursos uma nação imaginada, fruto da lógica ocidental imposta a esses países.

Ao ficarem tanto tempo sob a dominação portuguesa, inevitavelmente, as práticas culturais dos povos originários foram afetadas. O que se deu foi uma hibridização cultural, sobre a qual Appiah (2007, p. 217) afirma: “se há uma lição no formato amplo dessa circulação de culturas, certamente ela é que todos já estamos contaminados uns pelos outros, que já não existe uma cultura africana pura, plenamente autóctone, à espera de resgate por nossos artistas”. O que não significa ir contra a tradição, mas sim ter a consciência de que em África existem culturas múltiplas e que elas vão se transformando, adaptando-se, com o decorrer do tempo. Deste modo, as tradições são aqui entendidas “enquanto narrativas da memória coletiva, sofrendo as influências do fito a que obedecem, seja do meio onde ajudam a organizar as relações sociais, seja de instâncias de pendor hegemônico como o Estado e respectivo aparato ideológico e propagandístico.” (NASCIMENTO; ROCHA, 2013, p. 31).

### **O lugar da memória**

Khosa evoca o que Michael Pollak (1992) chama de memória de resistência para referenciar a situação pós-independência de Moçambique e dedicar seus escritos àqueles que vivenciaram o passado histórico do país, incluindo ele mesmo: “a todos nós, vítimas da nossa condição” (KHOSA, 2016 A, p. 17). Seus nove contos são produções ficcionais, mas não deixam de representar a memória coletiva do povo moçambicano e acabam provocando reflexões sobre a construção de uma cultura nacional única, além de denunciar a realidade da recém-conquistada liberdade. Nesse sentido, a obra “não somente retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver” (BHABHA, 2013, p. 29). Igualmente, em vez de realizar a defesa de uma unidade nacional, a partir do resgate de um tradicionalismo estereotipado, o escritor volta-se para “a África – o continente e seu povo” (APPIAH, 2007, p. 213) relatando o cotidiano de personagens comuns, como veremos a seguir.

O primeiro conto de *Orgia dos loucos* é intitulado “O prêmio” e narra a história de uma mulher grávida que segura seu bebê no ventre o máximo que pode para ganhá-lo em 1º de junho, mês da independência de Moçambique. Na narrativa, o governo declarou que as crianças que nascessem nesta data ganhariam um enxoval como prêmio. Consideramos essa medida desesperada da mãe como um primeiro indício da situação de escassez de recursos em que se encontravam os cidadãos moçambicanos logo após a independência do país. Além de demonstrar uma atitude ilusória cometida pelo governo, que parece se preocupar mais com datas comemorativas do que em resolver desigualdades sociais entre a população.

Essas desigualdades também são denunciadas no segundo conto do livro: “A praga”. Na narrativa, conhecemos a história de Luandle, um menino nascido em um barco em alto-mar. Ele era filho de um pescador e de uma dona de casa, em função disso teve uma infância bastante

humilde, a única renda familiar dependia da pesca de seu pai. Quando Luandle completou quinze anos, sua mãe faleceu. Então, pai e filho mudaram-se para o interior do país em busca de melhores condições de vida com a promessa de que lá haveria uma terra fértil. Contudo, encontraram fome e seca, além de muita exploração em um cenário análogo ao período colonial, como podemos ver no trecho abaixo:

[...] aventuraram-se para o interior, esse sertão africano, onde em quilômetros vários as machambas perdiam a cor da maturação, invadidas por animais de diversa espécie que morriam com o excesso de repasto que lhes era oferecido sem que os homens pudessem tirar um grão que fosse, porque os capatazes sem padrões sibilavam os chicotes, rindo-se da fome dos pobres camponeses e das crianças que pediam fruta à beira do cercado mais vasto que as machambas dos camponeses de toda região que Luandle e o pai percorriam com esperança de encontrar um pedaço de terra onde pudessem fincar o pé, longe daquele mar infausto que os perturbou durante anos e anos, sem que pudessem amealhar a riqueza para a fartura que nunca veio. (KHOSA, 2016 A, p. 30)

Percebe-se que a lógica colonial estava enraizada naquela sociedade, que era composta não só por cidadãos moçambicanos, como também por portugueses que se instalaram ali e, após a independência, continuaram a fazer o que lhes foi imposto nos tempos da colonização. Além disso, um tipo de comércio originário do período colonial, o qual consideramos também uma prática exploratória, ainda se mostrou comum na narrativa, mesmo com a vinda de “novos tempos”:

Vocês devem dignificar estes tempos novos em que o poder é vosso. Vá troquem, troquem, levem tudo o que aqui está, e não esqueçam de trocar o feijão por estes papéis que levam o nome de papel higiênico, próprio para limpar o traseiro, o traseiro que vocês e os antepassados limpavam com as folhas desta floresta que vai desaparecendo por vossa culpa. (KHOSA, 2016 A, p. 35).

A comercialização, por meio de trocas, não era justa para os camponeses moçambicanos, pois os comerciantes tentavam tirar o que podiam deles trocando comida por produtos comuns que não tinham o mesmo valor, ainda mais em tempos de seca. A fome retratada por Khosa era tamanha que as pessoas começaram a cometer suicídio ou a agirem de forma desesperada, como é o caso do filho que Luandle veio a ter naquelas terras. No final do conto, a criança acaba comendo “as crostas das feridas mal saradas que cobriam o corpo” (KHOSA, 2016 A, p. 38). A partir deste segundo conto, as situações narradas no livro são cada vez mais caóticas.

No conto “A solidão do Senhor Matias” temos a continuidade da escrita sobre os portugueses que se fixaram em Moçambique. A narrativa trata da situação do Senhor Matias, português que se apossou de terras na antiga colônia de Portugal e perdeu o poder sobre elas, assim como sobre seus funcionários, após a independência do país. Ele continuou morando em sua casa, mas o lugar já não era mais o mesmo, visto que a morada estava largada ao tempo,

tomada por mato, sujeira, ratos e baratas. Khosa se refere às paredes da casa como o lugar onde “os espíritos petrificados dos brancos da desordem e da mentira, incapazes de sustarem o avanço dos deuses africanos, sonhavam com galeras remotas que os libertassem das lianas que os afastavam do mar da descoberta e da civilização” (KHOSA, 2016 A, p. 41). Pelas descrições do narrador no decorrer da narrativa, a impressão é mesmo a de que todas as maldades já feitas naquela terra estavam presas ali. A casa do Senhor Matias mantinha a memória de um tempo em que os portugueses usaram e abusaram do poder, bem como de sua derrocada, sobrando apenas ruínas que sucumbiram junto ao último branco que restou no local.

Contudo, logo após a independência, a relação entre Moçambique e Portugal ainda era muito forte. No próprio Acordo de Lusaka, feito para determinar as diretrizes da independência moçambicana, consta a presença de um alto comissário português em Moçambique, assim como uma comissão militar mista que seria constituída “por igual número de representantes das Força Armadas do Estado Português e da Frente de Libertação de Moçambique” (ACORDO DE LUSAKA, 1974, p. 3). Essa situação dividiu os cidadãos da recente nação, como verifica-se em “Fragmentos de um diário”, quarto conto de *Orgia dos loucos*. A narrativa descreve a separação de uma família em função de o pai ter feito parte da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), a polícia política portuguesa, e o filho ser um revolucionário. A segunda filha narra o momento em que o pai é capturado:

[...] minha mãe que gritava, enquanto o meu irmão tentava explicar os princípios universais duma revolução, o valor da reeducação, da punição, da necessidade de uma pátria limpa de escórias que pudessem sustar o avanço vitorioso e irreversível a uma pátria bela, onde a felicidade se espalhará nas ruas e casas com flores imortais erguendo-se em vasos intermináveis, por isso, dizia, não chores, mãe, a razão está com a pátria, e a felicidade em nós que devemos construir a nação para todos; o teu ódio, o nosso ódio, deve ir para o pai, e para todos os outros que sujaram as mãos com sangue dos inocentes, é para aí que deve ir o nosso ódio, e não para estes guerreiros que há séculos lutaram para que a luz rompa pelo túnel da desgraça e da infâmia (KHOSA, 2016 A, p. 56-57)

Percebemos aqui um nacionalismo exacerbado que tomou conta de alguns cidadãos moçambicanos após terem conquistado a tão sonhada “liberdade”. Um nacionalismo que, inclusive, era incentivado pelos novos governantes, e que Khosa critica em seus contos, pois fez com que o Estado acabasse repetindo padrões coloniais de silenciamento. Não demorou muito para que essas pessoas vissem a realidade, inclusive alguns revolucionários fervorosos, como o personagem mencionado anteriormente. A irmã continua relatando a situação que a família viveu:

A solidão instalou-se na nossa casa. O meu irmão, militante dos princípios universais, deixou os livros de marxismo e a bandeira vermelha e as palavras dialéticas e os atos de coragem e o futuro brilhante e instalou-se, segundo contas por aí, na América do sonho como um digno varredor da quinta avenida. A minha mãe, com o vestido esburacado do dia da partida do marido sem notícias, passava as tardes e noites pela casa enorme como uma sonâmbula perdida. Tive que interná-la. (KHOSA, 2016 A, p. 57)

A emigração no país tornou-se uma consequência da desigualdade social e dos conflitos políticos e armados que assolaram o território moçambicano por muito tempo. A guerra civil (1977-1992), que ocorreu entre as forças políticas da FRELIMO e RENAMO, complicou a situação da população. De acordo com Duarte e Figueiredo (2020, p. 139), essa luta levou “paulatinamente o país ao soterramento, até a sua completa derrocada na década de 1980, quando figura em um nível de pobreza altíssimo”. Essa pobreza fica ainda mais evidente no conto ‘Fragmentos de um diário’ quando Dolores, narradora e dona do diário do qual trata o texto, fala da situação em que ela e o filho se encontravam, após o marido ir embora de casa. Por passarem por muitas dificuldades, não tendo o que dar de comer à criança, Dolores acaba matando o próprio filho e, em seguida, suicidando-se.

Esse estado de caos, de desgoverno, é representado, principalmente, no conto “Orgia dos loucos”. No enredo, temos o ápice da tragédia presente na obra. O ambiente é composto por um cenário apocalíptico onde o personagem principal anda desnordeado em meio a um rio de sangue, feito de corpos e destroços, ele está à procura da esposa, de nome Maria, e de seu filho, João. A comunidade em que viviam havia sofrido um ataque, a maioria das pessoas acabaram mortas. António Maposse chegou a pensar que ele mesmo estivesse morto:

– Estou morto! – gritou. Não ouviu o grito. Não sentiu sobre os pés as tripas sem donos, as mãos decepadas, as cabeças esfaceladas, as costelas partidas, os olhos rebentando, a carne desfazendo-se, as moscas chafurdando no líquido dos mortos, o sangue em coágulos, as fezes sem cor, os lagos de mijo, o mar de vômitos, os rios de sangue. Nada sentiu. Caminhava como fantasma. Caminhava. Caminhava. (KHOSA, 2016 A, p. 67)

Em meio ao caos, António escuta a voz de seu filho e, mesmo sem acreditar, segue o som. O homem acaba realmente o reencontrando, mas segue sem acreditar, pensando que o menino é um fantasma. Para tentar acalmar o pai, João repetiu seguidas vezes que estava vivo. Até que o pai, desolado, responde:

– Ninguém está vivo. Estamos mortos. Somos espíritos angustiados à porta duma sepultura decente. A vida está com os outros, João.

– Outros quem?

Maposse não respondeu. Tirou as mãos dos ombros, olhou para o moço e retirou-se da zona, perseguido pelas moscas insaciáveis. (KHOSA, 2016 A, p. 68)

A afirmação de António Maposse de que “a vida está com os outros” nos deixa sem palavras. É certo que Khosa joga com a vida e a morte nos contos, mas aqui temos vidas que são roubadas por conta da exploração e de uma grande guerra entre poderes que se preocupam com o bem-estar social apenas no discurso. Não é à toa que nos primeiros contos, “O prêmio” e “A praga”, o nascimento é algo doloroso e, ao contrário do que se espera, não é considerado uma dádiva, porque a morte é vista como o sossego das personagens. No conto “Morte inesperada”, também notamos a referência a um nascimento difícil e muito doloroso para a mãe, que ficou em trabalho de parto por sete dias. O curandeiro que estava ajudando-a durante o nascimento confessou que era “incapaz de esconjurar os maus espíritos que dela se tinham apossado” (KHOSA, 2016 A, p. 74). Infelizmente, como pressentido pela mãe, o filho teve uma “morte maldita” e inesperada, ele foi atingido pelo elevador do prédio em que morava ao colocar a cabeça dentro do poço do elevador para verificar o porquê de sua demora. A mãe, já mais velha, fica sabendo do acontecido ao subir as escadas do prédio, a mulher chora e lembra de quando ele ainda era uma criança e não queria ir à escola, assim como o avô, que se defendia dizendo:

[...] os pretos viveram séculos sem o quinino e o livro, e a sua vitalidade ia de gerações em gerações, e a sua história corria na memória fértil dos velhos que habitaram estas terras antes dos homens da cor de cabrito esfolado entrarem com o barulho das suas armas, e a sua língua e os seus livros. (KHOSA, 2016 A, p. 75)

A partir do comentário do avô, percebemos que o autor muda o foco do período pós-independência neste conto e relembra brevemente o processo de violência imposto pelos portugueses em Moçambique no período colonial. Algumas memórias desta época aparecem também em outros contos. Entendemos que isso se dá pela influência da colonização na vida dos moçambicanos, inclusive na vida das gerações que já nasceram “livres”, além de ser um trauma presente na memória dos mais-velhos, como ocorre nesse caso.

Notamos essa influência a partir de padrões coloniais presentes na descrição que o autor faz do sistema de governo adotado após a independência nos contos “O exorcismo” e “A revolta”.

No sétimo e no oitavo conto do livro, temos a figura do administrador, que era o governante responsável por gerenciar uma determinada região. Em ambos os textos temos administradores que repetem padrões de quem antes os oprimia. Em “O exorcismo”, temos um chefe que usa seu poder para se beneficiar e incentiva seu filho a fazer o mesmo:

Disse-te, Pedro, pensava o administrador, goza esta vida, eu sou chefe, tenho o poder, as ordens são acatadas por mais de quinze mil almas; os homens e as mulheres lambem-me os pés como cães carentes de afeto... (KHOSA, 2016 A, p. 86)

Em “A revolta”, temos um enredo que gira em torno de um administrador narcisista. Ele convoca uma reunião geral na vila por que alguém usou como papel higiênico um jornal no qual havia uma foto dele. No conto, temos a descrição de seus luxos, pois era um homem tinha

“bulício de criados limpando jardins de relva amarela, milicianos armados com armas de encher pelo cano vigiando o latir de cães indisciplinados, árvores sonolentas, palácio do administrador” (KHOSA, 2016 A, p. 96). A partir da denúncia de hipocrisias como essas, Khosa confronta a imagem transmitida pelos governos da FRELIMO de uma nação livre e feliz.

Para encerrar, o autor deixa uma mensagem de esperança em seu último conto da obra, intitulado “Fábula do futuro”. Khosa fala sobre o mar nesse texto, afirmando que

Apesar dos seixos, dos cascalhos das margens, tentarem raivosamente travar o movimento das águas, elas correm, límpidas, belas e, como mulheres esbeltas, saracoteiam maviosamente as ancas, deixando as margens comidas pela inveja e os seixos desprovidos de ódio. (KHOSA, 2016 A, p. 103)

Interpretamos que o autor faz um comparativo entre o mar e o povo moçambicano que, mesmo enfrentando tantas violências, continua a defender suas terras e suas tradições. Dessa maneira, construindo e esperando um futuro melhor.

### **Considerações finais**

Quando nos referimos à colonização, recorremos ao sentido dado por Aimé Césaire, em seu *Discurso sobre o colonialismo*, no qual deixa claro que

É concordar que não é nem evangelização, nem empreendimento filantrópico, nem vontade de empurrar para trás as fronteiras da ignorância, da doença e da tirania, nem expansão de Deus, nem extensão do Direito; é admitir de uma vez por todas, sem recuar ante as consequências, que o gesto decisivo aqui é do aventureiro e do pirata, dos merceeiros em geral, do armador, do garimpeiro e do comerciante; do apetite e da força, com a sombra maléfica, por trás, de uma forma de civilização que, um momento de sua história, se vê obrigada internamente a estender à escala mundial a concorrência de suas economias antagônicas. (CÉSAIRE, 2020, p. 10).

Ou seja, o processo colonial ao qual nos referimos foi um “empreendimento etnocidário” (CÉSAIRE, 2020), posto em prática pelas potências europeias. Nesse sentido, faz-se necessário dar mais voz e espaço a essas literaturas, pois, conseqüentemente, estaremos refletindo e (re) escrevendo sobre o papel que esses países ocuparam na História, uma vez que, nos territórios colonizados, a literatura surgiu também como um recurso para afirmação identitária,

[...] tornou-se um veículo essencial para a legitimação cultural; destarte, também contribuiu para o fortalecimento dos valores ancestrais, bem como das tradições orais, ao reinventá-las e preservá-las para a posteridade através de relatos que as mencionem ou que imitem suas práticas; converteu-se também num instrumento de resistência contra o colonizador, tendo sido, além de um ato cultural, um ato político. (RIAMBAU, 2017, p. 880)

Dessa maneira, as literaturas africanas de língua portuguesa são de extremo interesse aos estudos literários e culturais. Para além de questões estéticas, elas possuem desdobramentos que invadem o social, atuando como agentes transformadores nessas sociedades, assim como expandem o debate para fora delas, utilizando a cultura como uma ferramenta para aquisição de poder (BHABHA, 2013). Sendo assim, acreditamos que o estudo de autores como Khosa contribuem para a transformação de como é contada a História desses povos no decorrer do tempo, indo além do tempo presente.

Em relação ao livro aqui analisado, *Orgia dos loucos* é uma visão de Moçambique no período pós-independência por alguém que fez parte dessa história. Ao longo das nove narrativas, percebemos que a violência e a loucura se fazem presentes não só na temática, mas também na estrutura das narrativas. Em “O prêmio”, ela é bem estatal. Segurar o nascimento de uma criança ao máximo para ganhar um prêmio não pode ser visto como normal ou aceitável. Em “A praga”, a miséria apresenta-se como desencadeadora de muitos problemas. Os resquícios do colonialismo, ainda que pela memória do personagem principal em “A solidão do senhor Matias”, revelam traços do que o povo sofreu nas mãos de pessoas como o português retratado no conto. “Fragmentos de um diário” e “Orgia dos loucos” elevam ao ápice a violência e a loucura na obra. As três narrativas seguintes, “Morte inesperada”, “O exorcismo” e “A revolta”, relatam, cada uma a seu modo, problemas advindos do colonialismo e ainda presentes no país recém-independente: abusos de poder, regalias, imposições. Entretanto, o último conto: “Fábula do futuro” parece apontar para uma cura dessa insanidade e violência na natureza, isto é, na nação que se está a construir.

## REFERÊNCIAS

ACORDO DE LUSAKA. 7 de Setembro de 1974. Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/luarnaut/Afrika%20docs.html>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020.

CHIZIANE, Paulina. “Os anjos de Deus são brancos até hoje, entrevista a Paulina Chiziane”. **Buala**, 26 nov. 2014. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/os-anjos-de-deus-sao-brancos-ate-hoje-entrevista-a-paulina-chiziane>

DUTRA, Robson Lacerda. Ungulani Ba Ka Khosa, ou quando a inteligência se torna inimiga do poder. IN: SECO, Carmen Tindó; SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. *África e Brasil: Letras em laços volume 2*. São Caetano do Sul: Yendis editora, 2010.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Orgia dos loucos*. São Paulo: Editora Kapulana, 2016 A.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. VOA Ungulana Ba ka Khosa entrevista. Youtube, 20 dezembro de 2016 B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0OUIaDeKdMc> Acesso em 5 de agosto de 2022.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. Memórias perdidas, identidades sem cidadania. Coimbra. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 106, Maio de 2015, p. 127-132. <http://journals.openedition.org/rccs/5911>

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MARTIN, Vima Lia. Entre a violência e a vertigem: uma leitura de *Orgia dos loucos*, de Ungulani Ba Ka Khosa. IN: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2012.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopeia: Secretaria do Estado da Cultura, 1987.

MORAIS, Maria Perla Araújo. As autoridades tradicionais e a guerra civil moçambicana em Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane. **Revista Mulemba**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, jul-dez 2016, p.111-126. ISSN 2176-381X [<http://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/>]

NASCIMENTO, Augusto; ROCHA, Aurélio. *Em torno dos nacionalismos em África*. Maputo: Alcance, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro., vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RIAMBAU, Vanessa Pinheiro. A condicionante exógena e a homogeneização cultural: reflexões sobre a formação do cânone em Moçambique. **Gragoatá**, Niterói, v.22, n. 43, p. 876-897, mai.-ago. 2017.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.